

50
ANOS
25 DE ABRIL
abril
para JÁ!
MUNICÍPIO PALMELA

V EDIÇÃO
concurso
literário
2024



TEMA
DE QUE
COR É A
LIBERDADE?

[FICHA TÉCNICA]

DE QUE COR É A LIBERDADE? – Concurso Literário
Copyright@2024 por Câmara Municipal de Palmela

Todos os direitos reservados

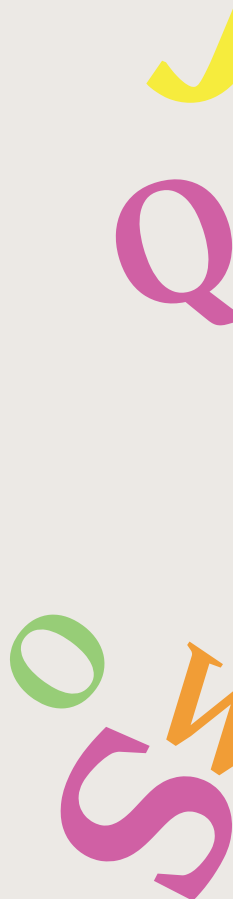
@desta edição 2024,
Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2954-001 Palmela
geral@cm-palmela.pt

INCLUI TEXTOS DE: Amália Martins Galrito, Ana Isabel Fonseca,
Benedita Martins Galrito, Celeste Martins Galrito, Joana Melo
Rocha, Madalena Oliveira, Margarida Caetano, Paulo Reis
Mourão, Vera Farrajota Cavaco.

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO: Joana de Oliveira
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Terceira Via
ISBN: 978-972-8497-93-4
DEPÓSITO LEGAL: 539645/24

1ª edição: outubro 2024
100 exemplares

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.



5.^a EDIÇÃO DO CONCURSO LITERÁRIO

Tema
DE QUE COR É A LIBERDADE?

Palmela
2024

A

Revolução, a nossa Revolução, celebra, em 2024, meio século. São 50 anos de profundas transformações. Os rapazes portugueses não mais voltaram a ir para a guerra; os países outrora colonizados ganharam a sua independência; as mulheres passaram a poder votar sem restrições e a poder viajar sem ser necessário autorização do pai ou marido; surgiu uma nova Constituição, passaram a realizar-se Eleições Livres.

Os primeiros tempos foram desafiantes, turbulentos, queria chegar-se a todo o lado, onde até então não nos era permitido ir. Se governos surgiam e caíam, até se ter encontrado uma reposta adequada a estes novos tempos de construção da Democracia, a sociedade civil organizava-se para construir escolas, sedes de associações, centros de saúde.

Em Palmela não foi diferente. Somos capazes de tanto quando nos mobilizamos.

E somos ainda capazes de mais quando somos mulheres e homens livres, no pensamento e na ação. De que cor é a Liberdade? É da cor que quisermos.

A Vereadora do Pelouro



Maria João Camolas

A cor da liberdade

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

Quase, quase cinquenta anos
reinaram neste país,
e conta de tantos danos,
de tantos crimes e enganos,
chegava até à raiz.

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

Tantos morreram sem ver
o dia do despertar!
Tantos sem poder saber
com que letras escrever,
com que palavras gritar!

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

Essa paz de cemitério
toda prisão ou censura,
e o poder feito galdério.
sem limite e sem cautério,
todo embófia e sinecura.

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

Esses ricos sem vergonha,
esses pobres sem futuro,
essa emigração medonha,
e a tristeza uma peçonha
envenenando o ar puro.

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

Essas guerras de além-mar
gastando as armas e a gente,
esse morrer e matar
sem sinal de se acabar
por política demente.

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

Esse perder-se no mundo
o nome de Portugal,
essa amargura sem fundo,
só miséria sem segundo,
só desespero fatal.

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

Quase, quase cinquenta anos
durou esta eternidade,
numa sombra de gusanos
e em negócios de ciganos,
entre mentira e maldade.

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

Saem tanques para a rua,
sai o povo logo atrás:
estala enfim ativa e nua,
com força que não recua,
a verdade mais veraz.

Qual a cor da liberdade?
É verde, verde e vermelha.

LISTA DE PREMIADOS DA 5.^a EDIÇÃO DO CONCURSO LITERÁRIO

1.º ESCALÃO (dos 6 aos 11 anos)

1.º LUGAR	As cores da Liberdade	10
	<i>Benedita Martins Galrito</i>	
2.º LUGAR	Liberdade de muitas cores	12
	<i>Celeste Martins Galrito</i>	
3.º LUGAR	De que cor é a Liberdade?	14
	<i>Madalena Oliveira</i>	

2.º ESCALÃO (dos 12 aos 17 anos)

1.º LUGAR	De que cor é a Liberdade?	16
	<i>Margarida Caetano</i>	
2.º LUGAR	De que cor é a Liberdade?	19
	<i>Amália Martins Galrito</i>	
3.º LUGAR	De que cor é a Liberdade	22
	<i>Vera Farrajota Cavaco</i>	

3.º ESCALÃO (maiores de 18 anos)

1.º LUGAR	O cinquenta e cinco	28
	<i>Paulo Reis Mourão</i>	
2.º LUGAR	A Paleta da Liberdade	33
	<i>Ana Isabel Fonseca</i>	
3.º LUGAR	(Re)Encontros	39
	<i>Joana Melo Rocha</i>	

1.º ESCALÃO

(dos 6 aos 11 anos)



1.º lugar

Benedita Martins Galrito

AS CORES DA LIBERDADE

Tinha saído da escola, pronta para fazer os deveres. Normalmente não me custava nada fazer os deveres, mas hoje a professora disse para fazermos um texto a dizer a cor da liberdade.

Pensava que era fácil, mas quando cheguei a casa bloqueei. Eu não vejo a liberdade, é um desejo e não um objeto. Como vou saber a sua cor? Mas saiu da minha folha de trabalhos de casa um homem com uma capa e um chapéu, o que me fez ver quem era a pessoa foi uma varinha brilhante que o homem tinha na mão direita. Descobri que era um feiticeiro.

Ele apresentou-se dizendo-me que era um feiticeiro da liberdade. Inspeccionava a liberdade e tudo o que pudesse acontecer com ela.

Era prefeito para conseguir fazer o meu trabalho e assim pedi-lhe para me dizer de que cor era a liberdade e outras coisas que estivessem envolvidas com esse tema.

O feiticeiro disse-me que o trabalho era meu e não dele. Durante 20 segundos fiquei destroçada, mas não durou muito tempo a tristeza, porque o feiticeiro em vez de me dizer a cor ia-me mostrar e levou-me para fora do meu quarto.

A liberdade pode ser amarela, pois ela representa felicidade e avistei-a num lindo dia de sol, então pensei que a sua cor era o amarelo, mas o feiticeiro negou e perguntou-me se a liberdade tinha de ser só uma cor. Aí pensei que era melhor ficar até ao fim da aventura e continuámos.

Mais à frente avistei o verde que tinha acabado de sair do consultório do doutor Agueirelas, onde tinha ido cumprir o direito à saúde e isso

também é liberdade. Então entendi que verde é outra cor da liberdade. Depois vi o branco na praça das cores. Estava com muita paz para oferecer e percebi que branco era mais uma das muitas cores que a liberdade tem.

Olhei para o lado contrário e encontrei o vermelho apaixonado pela cor de rosa, ou seja, estava a sentir amor e claro que isso também é outra coisa que significa liberdade.

O feiticeiro correu para a praia que estava ali mesmo ao lado e viu o azul que representava o respeito pelos oceanos e, pode não parecer, mas isso também é liberdade pois devemos respeitar o outro para que nos respeitem. Neste caso é a mesma coisa porque se não respeitarmos a água, incluindo a do mar, acabamos todos por morrer. E não só, mas isso é outra aventura...

De seguida vimos o dourado na areia a ser protegido pelas cores e ele representa que a liberdade é de ouro, pois sem ela vivíamos em ditadura e desrespeito não só pelos outros, mas também por nós e por isso, a liberdade pode ser dourada.

Fiquei baralhada: se é verde, amarela, branca, vermelha, azul e dourada então qual vai ser a cor que vou escolher se todas têm igual importância? Então pensei que a liberdade talvez pudesse ser multicolorida e descrevia a importância de cada uma dessas cores para haver liberdade.

Logo de seguida voltei para o meu quarto. Parecia que nunca tinha saído de lá exceto a folha que estava preenchida com esta bela aventura. Olhei em volta à procura do meu amigo feiticeiro, mas estava sozinha. Onde é que poderia estar? Foi então que percebi que ele ainda estava no mundo das cores pois tinha de continuar o seu trabalho. Fiquei triste, mas sabia que essa tarefa de proteger a liberdade não era fácil. Eu sabia que brevemente ele me iria visitar.

Adorei esta aventura de descobrir as cores da liberdade. De repente, descobri que só há uma cor que a liberdade não tem: cinzento.

2.º lugar

Celeste Martins Galrito

LIBERDADE DE MUITAS CORES

Estava prestes a ir viajar porque o meu pai ia fazer um documentário sobre costumes de vários países. Eu não gosto nada quando ele vai fazer estas coisas porque está sempre agarrado a câmaras, computadores e outros equipamentos de filmagem. Então no avião a minha mãe deu-me um desafio, descobrir de que cor é a liberdade. Eu fiquei super entusiasmada com o desafio e quando chegámos a Angola, o nosso primeiro país, decidi começar a investigar e a perguntar a pessoas de que cor era a liberdade, mas ninguém sabia a resposta até que, já sem esperanças, perguntei a um rapaz, mais ou menos da minha idade chamado Yeshua e surpreendentemente ele respondeu-me:

- Para mim a cor da liberdade é branca, porque neste país há algumas guerras e o branco simboliza a paz e eu acho que o direito à paz é liberdade.

Eu anotei no meu bloco de notas e voltei para o hotel onde estava hospedada.

No dia seguinte, íamos para Xangai e na viagem pensei que também podia perguntar às pessoas de lá de que cor é a liberdade para ver se concordavam com o Yeshua.

Quando chegámos, encontrei logo uma menina chamada Fei e perguntei-lhe de que cor era a liberdade e ela disse-me assim:

- Eu acho que a cor é vermelha porque essa cor simboliza o amor e a coragem de nos expressarmos e isso é liberdade.

Aí fiquei baralhada, a liberdade pode ter mais do que uma cor? Antes de tirar conclusões, pensei ver se no último país haveria alguém a

pensar diferente do Yeshua e da Fei.

Este voo foi à noite e a minha mãe reparou que eu estava a olhar muito atentamente para o meu bloco de notas. Então ela perguntou-me se já sabia de que cor era a liberdade e eu respondi-lhe que o Yeshua e a Fei tinham cores diferentes que simbolizavam liberdade. Ela sorriu e disse-me:

- Mas a liberdade tem de ser só de uma cor?

Fiquei a refletir sobre o que ela tinha dito, se a liberdade pode ter várias cores.

Finalmente chegámos ao último país que o meu pai tinha de documentar, os Estados Unidos da América, onde encontrei uma índia chamada Vida e perguntei-lhe de que cor é a liberdade e ela respondeu com uma voz muito suave:

- Eu acho que a cor da liberdade é o amarelo, porque essa cor representa alegria e todos sabemos que estamos mais felizes com liberdade do que com a ditadura.

No voo para Portugal, o meu pai perguntou-me se tinha aprendido alguma coisa nestas viagens e eu respondi-lhe com orgulho:

- Sim, aprendi que a liberdade é de várias cores.

- Explica lá isso. – disse ele confuso.

- Bem, o Yeshua disse que a liberdade era branca, porque essa cor simboliza a paz, mas a Fei acha que é vermelha, porque essa cor significa amor e coragem de nos expressarmos. No entanto, a Vida explicou que a liberdade é amarela, pois esta cor simboliza alegria que é o que sentimos com a liberdade.

O meu pai e a minha mãe sorriram e deram-me um grande abraço porque tinha descoberto quais eram as cores desta coisa incrível, a liberdade é de muitas cores.

3.º lugar

Madalena Oliveira

DE QUE COR É A LIBERDADE?

Era quase verão e a Ana estava sentada na sua secretária, o seu caderno cor-de-rosa estava aberto sobre a mesa e ela meditava sobre o seu trabalho de casa. Tinha de responder à pergunta: “De que cor é a liberdade?”.

A Ana sentia que ainda não sabia muito de liberdade então resolveu perguntar à avó que estava na cozinha a fazer uma tarte de mirtilo:

-Avó? De que cor é a liberdade? – perguntou a Ana roubando um pouco de massa – Bem... - disse a avó - a liberdade é vermelha como os cravos do 25 de Abril ainda me lembro muito bem desse dia quando era jovem no ano de 1974...- a Ana suspirou e revirou os olhos lá estava a avó com as suas histórias de quando ainda era jovem. Pé ante pé, saiu da cozinha e dirigiu-se à sala.

- Mãe de que cor é a liberdade? - Perguntou a Ana interrompendo o tricô da mãe.

- A liberdade é amarela como a alegria que os portugueses sentiram quando a mereceram. - Replicou a mãe voltando ao seu tricô.

A Ana resolveu fazer a mesma pergunta ao pai:

- Pai? De que cor é a liberdade?

- A liberdade é verde como a Esperança! - exclamou pai.

Por fim a Ana resolveu perguntar ao avô:

- Avô? De que cor é a liberdade?

- A liberdade é rosa como o amor que sentimos à Pátria. - Sorriu o avô.

Desesperada a Ana voltou para o seu quarto. Tinha tantas opções...

QUAL ESCOLHER?

De repente, a Ana levantou-se e escreveu no caderno:

A liberdade tem muitas cores!

2.º ESCALÃO

(dos 12 aos 17 anos)



1.º lugar

Margarida Caetano

DE QUE COR É A LIBERDADE?

– Como vocês sabem, amanhã é dia vinte e cinco de abril e para comemorar os seus cinquenta anos vou pedir-vos para realizarem um trabalho muito especial. Quero que redijam uma composição sobre qual é a cor da Liberdade, amanhã irão ler as composições para o resto da turma.

Alice baixa a cabeça no seu lugar agarrando com força na sua bengala. Alice tem treze anos, sempre foi uma menina cheia de luz apesar de todas as dificuldades que pudesse encontrar. Nesse dia, no entanto, chega cabisbaixa a casa, depois das aulas, algo que raramente acontece. Pousa a mochila da escola no chão e dirige-se ao quarto da sua irmã mais velha Olivia, usando sempre a sua bengala para se orientar.

Alice é cega desde que nasceu e nunca até aquele dia se tinha sentido de parte devido à sua incapacidade.

Alice entra no quarto da irmã, senta-se ao lado dela na cama e sente Olivia colocar o braço em volta dos seus ombros.

– O que se passa? – pergunta Olivia preocupada.

– Preciso de ajuda para um trabalho da escola. – explica Alice.

– Claro. Sobre o que é o trabalho?

Alice adora a sua irmã. Olivia está sempre pronta a ajudar e a proteger.

– Temos de escrever um texto a responder à pergunta: De que cor é a liberdade? Eu falei com a professora para fazer sobre outro tema, mas ela só disse para eu tirar dúvidas com os meus colegas. Todos eles me responderam o mesmo, que a liberdade ou é verde ou é amarela. Mas

isso não me ajudou em nada.

– Porque é que pediste para fazer sobre um tema diferente? – pergunta Olivia, confusa.

– Porque não consigo ver. Não sei como são as cores. – exclama Alice não percebendo a dúvida da irmã.

– Alice, é a primeira vez que te vejo tentar desistir de algo devido à tua condição.

Achas mesmo que é isso que te vai impedir de fazer um ótimo trabalho?

– Tens razão. – murmura Alice.

– Claro que tenho. Quero que cries o teu próprio texto e não um com as ideias dos teus colegas.

– Mas continuo a não saber como são as cores.

– Podes nunca vir a saber o seu aspeto, mas eu posso ajudar-te a senti-las.

Alice e Olivia passaram o resto da tarde a falar sobre cores e em como senti-las, quando a noite chegou, Alice exibiu um sorriso ao deitar-se na cama sabendo que tinha criado o mais bonito texto sobre a cor da liberdade.

No dia seguinte, a mãe leva-a à escola, onde entra animada e se senta ao lado do seu colega de mesa. As apresentações começaram e tal como Alice esperava, todos eles deram as mesmas respostas: A liberdade é verde. A liberdade é amarela. Quando chega a sua vez Alice levanta-se um pouco nervosa e coloca-se em frente à turma. Respira fundo e começa a recitar o seu texto ignorando os burburinhos da turma.

– Perguntaram-me de que cor é a liberdade, eu sou cega e não sei nada sobre cores.

Então a minha irmã descreveu-me as cores para conseguir encontrar uma correspondência perfeita para a liberdade. Ela disse-me que

o vermelho é a cor do fogo, uma cor ardente, representa a raiva e a vergonha mas também o amor, a paixão e a coragem. O laranja é também uma cor quente mas não ardente como o vermelho, é confortável como o fogo de uma lareira num dia de inverno. O amarelo é a cor da alegria e amizade, o amarelo sente-se quando os raios de sol da manhã nos batem no rosto. O verde é a cor da natureza, representa a vida, a saúde e a esperança e sente-se quando nos deitamos na relva de um jardim a ouvir o cantar dos pássaros. O azul é a cor do mar, é uma cor fria que representa serenidade e harmonia, sente-se quando se molha os pés na água da praia. O roxo é uma cor misteriosa, gosto de pensar que representa magia e imaginação, podemos sentir o roxo quando sonhamos. Após analisar cada uma durante bastante tempo, percebi que a liberdade está nisso tudo. A liberdade está no amor, na paixão e na coragem, está em abraços calorosos que deixam as nossas bochechas a arder. A liberdade está em serões à frente da lareira com as nossas pessoas favoritas. A liberdade está na alegria, na natureza e na esperança. A liberdade está em mergulhos no mar e em livros de fantasia. A liberdade está nos sonhos que queremos seguir. Então não digo que a liberdade seja apenas uma cor. A liberdade é vermelha, laranja, amarela, verde, azul, roxa e todas as outras cores existentes neste bonito mundo. A liberdade é de todas as cores e é para todos nós, é para mim mesmo que eu não consigo ver as suas cores e é para vocês também. Um mundo sem liberdade seria um mundo sem cores. Segue-se um breve silêncio em que Alice não se atreve a respirar mas quando a sala explode em aplausos dos seus colegas Alice abre um sorriso.

Parabéns Alice. – a professora coloca-lhe a mão no ombro reconfortantemente. – Sabia que ias fazer um texto memorável.

2.º lugar

Amália Martins Galrito

DE QUE COR É A LIBERDADE?

Há muito tempo atrás, numa pequena aldeia em Portugal, vivia uma menina chamada Maria. Nesta aldeia, o dia 25 de abril, ou seja, o dia da liberdade, era muito importante e celebrado por todos os seus habitantes.

Todos os anos, durante o mês de abril, a aldeia organizava uma grande festa todos os domingos. Havia palestras, jogos e várias pessoas contavam histórias da época em que se deu a revolução. Um velho e sábio camponês perguntava sempre às crianças: “De que cor é a liberdade?”. Uns diziam vermelho, como os cravos, outros azul, como o céu, e outros verde, como a natureza, entre muitas outras cores. O camponês apenas sorria e dizia que ainda não tinham descoberto a verdadeira cor da liberdade. Maria era uma jovem muito curiosa e aventureira, que sempre se intrigava com esta pergunta. Então, decidida a encontrar a resposta, embarcou numa aventura, para além das fronteiras da aldeia, pois acreditava que a cor da liberdade estava algures, à espera de ser encontrada.

A sua primeira paragem foi num vasto campo de flores amarelas. Maria sentia que aquelas flores lhe traziam alegria e felicidade. “Talvez a liberdade seja amarela”, pensou.

Enquanto lá estava, cruzou-se com um pintor chamado José, que estava a fazer um retrato daquela bonita paisagem. Decidiu, então, perguntar-lhe:

- De que cor é a liberdade?
- Para mim a liberdade é amarela, tal como estas flores. O amarelo

traz-me alegria e otimismo, e sinto-me inspirado e livre para pintar o que quiser - respondeu o pintor.

Maria sorriu. Agradeceu pelas suas palavras e continuou a sua viagem. Após algum tempo, chegou a um cais, onde se encontravam muitas embarcações. O céu estava azul, um azul profundo, e na água estavam pequenos peixes e algas muito bonitas. No fundo, Maria sentia-se em paz. Passou por um velho pescador e decidiu fazer-lhe a mesma pergunta:

- De que cor é a liberdade?

- A liberdade, minha jovem, para mim é azul. Já sou pescador há muito tempo e já vivi muita coisa, mas nunca me senti tão livre como me sinto no mar - afirmou.

Maria refletiu sobre as palavras do pescador. Despediu-se e decidiu prosseguir com a sua aventura.

Já estava a andar algum tempo quando encontrou uma floresta. Decidiu ir explorá-la, pois adorava descobrir novas plantas e espécies. As árvores e plantas brilhavam em diferentes tons de verde. A cor da floresta transmitia-lhe calma e a natureza fazia com que se sentisse viva.

Mesmo assim, não tinha a certeza de ser aquela a cor da liberdade. Apesar de estar já muito cansada decidiu andar ainda mais um pouco, pois estava determinada em encontrar a resposta à pergunta do camponês. Passou então por uma rua, onde se cruzou com várias pessoas e decidiu perguntar-lhes qual a cor da liberdade.

- A liberdade é vermelha. O vermelho representa a paixão, energia e coragem que foi necessária para a conseguir - disse-lhe um vendedor de rua.

- A liberdade é branca, pois o branco representa a simplicidade, ou seja, algo puro e sem limitações - respondeu-lhe a dona de uma loja.

Maria perguntou a muitas outras pessoas, e obteve muitas respostas diferentes. Mas nada parecia ser a cor da liberdade. Ela já estava muito cansada e prestes a desistir, então decidiu sentar-se um pouco. O céu estava muito bonito e o pôr do Sol pintava-o com todas as cores possíveis. Sentada ali, decidiu refletir sobre a sua jornada. Todas as cores tinham um significado, mas nenhuma parecia ser suficiente para descrever algo tão bonito como a liberdade. Foi aí que percebeu que a liberdade não era de uma única cor, mas a mistura de todas as cores em harmonia, simbolizando a diversidade e a inclusão. Voltando para a aldeia, Maria sabia que tinha encontrado a sua resposta.

Na festa seguinte, o camponês voltou a fazer a mesma pergunta e Maria respondeu com confiança:

- A liberdade não é de uma só cor, é um arco-íris, uma combinação de todas as cores, representando a harmonia entre todos nós.

O camponês sorriu, com orgulho.

- Finalmente, alguém percebeu. A liberdade é de todas as cores, pois só na união e diversidade encontramos o verdadeiro significado do que é ser livre. Desde aquele dia, toda a aldeia celebrou a liberdade, reconhecendo que ela representa a aceitação e celebração das nossas diferenças, que nos tornam únicos.

3º lugar

Vera Farrajota Cavaco

DE QUE COR É A LIBERDADE

Já passa da meia-noite...creio, mas não tenho a certeza...

De pincel entre os dedos, olho para a tela assim tão nua, tão desnutrida de cuidado, aguardando ser trabalhada... Um artista não descansa. Atormentado pelo desejo de criar, passo horas e horas a observar uma tela, uma folha de papel, uma parede em branco que careça de cuidado. Foi-me pedido que fizesse uma criação sobre a Liberdade - seja lá o que isso for - e nunca me senti mais perdido. Estudo cada movimento que forço contra a tela minuciosamente antes de o executar. Não que haja "errado" neste ato de criar, aliás, escolhi esta "profissão" não só por responder à minha vocação, mas porque pensei que, ao ser pintor, seria o mais afortunado, o mais abençoado, o mais livre. Mas, ainda assim, a arte abstrata acaba por ser aquela que mais requer planeamento e prudência. A verdade é que, ao contrário da opinião insciente, um artista é tudo menos livre. Há o vazio do nada antes do tudo. O artista está preso pelas amarras impostas por si mesmo, aos limites da imaginação, como um pássaro numa gaiola: pode cantar e saltitar, mas não consegue voar.

Lembrei-me dos meus clientes, aquele casal que aguardava a pintura que me custava começar. A mulher, de cabelos claros, até aos ombros, que vestia apenas roupa branca - às vezes, até me esqueço que branco é uma cor - e o marido, com as suas calças bege e os *pullovers* neutros, eram daquelas pessoas para quem nós, artistas, olhamos e não vemos nada. Não sei quem é que incutiu este hábito de usar roupas em tons saturados para dar um ar mais sofisticado, mas certamente

que não foi um genuíno artista.

Deixei-me cair sobre o sofá, ainda empunhando o pincel de madeira, e obrigandome a fazer uma pausa neste exaustivo exercício de criatividade e imaginação, e, literalmente, dormi sobre o assunto.

Creio que o relógio já marcava uma da tarde quando me ergui e a claridade da tarde me atingiu o olhar... mas não tenho a certeza. Olhei em volta, ainda levemente estremunhado, e observei cada livro que tinha pousado na estante, cada vela, cada uma com a sua cor e tamanho, e logo o meu olhar caiu sobre a tela cor do céu numa manhã de inverno. Esta devolveu-me o olhar, ainda à espera de uma pincelada, de um pingo de cor.

Mas de que cor será a Liberdade?

Abri o meu computador e inseri na barra de pesquisa do *Google* a palavra “Liberdade”. Surgiram de imediato inúmeras imagens de pessoas a libertarem-se de correntes ou pássaros a escaparem de uma gaiola. Respirei fundo e continuei a observar o ecrã, na esperança de achar inspiração. Foi então que reparei na seguinte frase: “A liberdade está associada à cor verde” - e pensei para comigo mesmo, *não tenho tinta verde*.

Depois de substituir o pijama que vestia fazia dias por uma camisola amarela e umas calças de ganga, peguei nas chaves do meu pequeno T0, a que gosto de chamar estúdio, e saí porta fora.

Não demorei a chegar à marginal, a avenida junto ao mar onde se encontram os mais requintados restaurantes, as mais mirabolantes lojas e o mais importante, a melhor loja de materiais artísticos. Ao aproximar-me da entrada, apercebi-me de que estava fechada para hora de almoço. Dirigi-me então ao banco mais próximo e sentei-me a observar as ondas que rebentavam na areia. Talvez a Liberdade seja um mar azul. Um azul tão profundo que parece não ter fim. Ou talvez seja um céu numa tarde de verão, infundavelmente sereno...ou

pertubado...?

Acho que já passava das duas da tarde quando me ergui e dei meia volta, para regressar à loja de materiais. Não cheguei a dar três passos quando esbarrei numa rapariga, na casa dos vinte, vestida com roupas desportivas. Provavelmente estava a correr quando chocámos, e vi que segurava uma trela roxa, de borracha. Ao olhar para baixo, apercebi-me de que, aos meus pés, se encontrava um pequeno salsicha. Observei o cachorrinho cor de mel pelo que me pareceram uns breves segundos, mas a rapariga rapidamente se apercebeu da minha curiosidade e, como se não tivéssemos acabado de chocar violentamente, comentou, “Chama-se Ivo”. “Que nome bonito”, menti eu. Vi a rapariga a afastar-se e, logo de seguida, Ivo a fazer um enorme esforço para a acompanhar, preso pela trela roxa, tentando coordenar os pequenos apoios. Comecei a afastar-me também, desta vez concentrado em evitar colisões, mas, tendo em conta o meu novo dilema, apenas me consegui focar num aspeto: de certeza que para o Ivo, a Liberdade *não* é roxa.

Percorri o olhar pelas fachadas dos pequenos prédios desta marginal, e o meu olhar prendeu-se numa senhora, já de uma certa idade, com os cotovelos apoiados no parapeito de um varandim. Com cabelos brancos e uma túnica colorida, também ela observava o mar. De frente para a praia, imagino em que é que pensava... talvez para ela, a Liberdade seja da cor da areia, pois esta praia estende-se até ao desconhecido e é através da areia que se torna possível viajar eternamente, molhando os pés nas águas salgadas.

Mais uma vez, atravessei a estrada, na esperança de finalmente poder ir comprar tinta verde e, mais uma vez, fui interrompido pela agitação. Um *Citroën* cinzento, com imensas malas empilhadas em cima, parou para me deixar atravessar, com uma família barulhenta dentro de si. Deixei que a curiosidade levasse a melhor e veio-me ao pensamento

que, se calhar, um carro cinzento não é só um carro cinzento; a areia não é só um conjunto de grãos e sedimentos; uma trela não é apenas uma corda, e o mar, só talvez, não seja simplesmente água salgada. Todos estes elementos significarão para alguém Liberdade... e todos têm cores diferentes... o que me leva a questionar novamente: de que cor será a Liberdade?

Fiz o caminho de volta ao meu acanhado apartamento sentindo-me completamente derrotado. Sentia-me incompetente. Tudo o que eu já fizera fora criar, pintar, e hoje tal ato tornara-se o meu maior desafio. Sentei-me no meu sofá encardido e manchado de todas as obras extravagantes que pintei sentado nele e olhei, novamente, para a tão desengraçada tela, que suplicava por devoção. Tal devoção não me faltava e o que eu mais desejava era, de facto, começar a pintar. Mas a criação não começa com a tinta, mas sim com a pesquisa, aparentemente infundável e cujos resultados eu não me via capaz de interpretar.

A noite já caíra e, sem ideia de que horas eram, fechei os olhos, tentando esquecer o destroçado que me encontrava. Às vezes, temos as respostas que procuramos mesmo à nossa frente mas, por alguma razão, passam-nos ao lado. Acordei em sobressalto mas, por uma razão que eu desconhecia - para já - o sentimento de derrota havia desaparecido.

Ergui-me do sofá, que já tinha a forma do meu tímido corpo marcado em si - de tantas noites (e dias) que lá passei - e, sem uma única pincelada, embrulhei a tela desguarnecida para a poder entregar aos meus clientes.

Depois de tanto tempo a considerar-me uma pessoa pouco livre, questiono-me, finalmente, sobre o que será, realmente, a Liberdade. Ora, acontece que a razão de já não me sentir derrotado é que ganhei

uma nova percepção deste conceito de Liberdade... ter Liberdade é não ter noção do tempo, fugir das amarras da sociedade (e dos próprios limites da imaginação, que por vezes se confundem com medo), estar pronto para voar e escolher de que cor pintar uma tela. Logo, a minha tela estava pronta – eu não a pinte. A Liberdade não tem cor nem forma. Mas, se tivesse, seria uma tela branca, – às vezes até me esqueço de que branco é uma cor – apta para herdar uma nova pigmentação, à escolha do criativo ser livre que empunhar o pincel.

3.º ESCALÃO

(maiores de 18 anos)



1º lugar

Paulo Reis Mourão

O CINQUENTA E CINCO**Preto.**

Depois de ouvir as notícias pela boca dos sempre bem informados comerciantes que paravam na venda, punha-se a caminho. Lembrava-se às vezes da mãe cada vez mais velha na sua solidão, nas serras escuras do Norte. Na última vez que a vira, arrastando as pernas e um pau, enredando-se entre gatos e um castro-laboreiro, dissera-lhe:

“Sabes, Moisés, devia haver uma lei.” Moisés olhou-a como quando, vindo da escola, ela lhe dizia “Sabes, Moisés, sei o que se passou.”

E ele aí, surrado pela tarefa valente da garotada, procurava esconder os olhos pisados e a dor naquilo que lhe parecia ser a coisa mais parecida com alma.

“Sabes, Moisés, essa lei seria - os novos deveriam ficar mais velhos e os velhos deveriam ficar mais novos.”

Bem, Mãe, a primeira parte é certa - olhe para os seus filhos.

“E a segunda?”

Ele sorria afagando-a como se afaga um cesto de cheiros antigos, tão longínquos do Aljube quanto Mixões da Serra. “A segunda sempre podias ver junto dos senhores com quem trabalhas.”

Esses filhos da puta, logo esses filhos da puta! Pensou ele sem dizer. Esses filhos da puta de gravata preta tinham-no chamado no dia anterior. O gabinete era no terceiro andar, depois de um corredor onde o Sousa dos Arquivos espiava os que passavam para logo que saíssem criar as fantasias mais obscenas junto dos ouvidos do Senhor Diretor. Nessa tarde, o Senhor Diretor desfolhou enfastiado um maço de folhas

enquanto ele, de pé, esperava o comentário, a gravata suando na tarde de tormenta, o suor quase irritando as pernas.

“Moisés, o que temos do Cinquenta-e-Cinco?” Ah, o filho da puta queria saber do jornalista! – pensou Moisés.

“Senhor Diretor, temos apertado com o homem mas receio que não quebre tão cedo.”

“Moisés”, aqui o Diretor levantou-se, olhou enfasiado para o maço de folhas desfolhado quinhentas vezes naqueles dez minutos, olhou Moisés, mostrou o sorriso amarelo de escárnio e ultimou – “Moisés, eu e você sabemos que ele vai quebrar.”

Moisés saiu. O Sousa levantou os olhos com a sua historieta obscena já desenhada na mente pronta para delatar. Moisés sabia que o Cinquenta-e-Cinco tinha de quebrar. Que significava tudo entre morrer e confessar, ou morrer sem confessar. Lembrava-se das surras que a garotada de Mixões lhe pregava e enquanto se lembrava preparava-se para fazer do Cinquenta-e-Cinco o bode expiatório da sua saudade desse tempo em que Moisés ainda tinha uma alma.

Amarelo.

Era terrível que, quase num pensamento que lhe parecia pecado, ia tendo cada vez menos memórias dela, dos olhos dela, dos olhos com saúde, alegria e infância. Os olhos da filha eram cada vez mais uns olhos amarelos, numas olheiras envelhecidas, numa cara que parecera já ter perecido. Mas, ao passar por aquela loja, olhara a boneca com os olhos verdes que se fechavam quando deitada e que se abriam quando sentada. A filha olhara assim a boneca meses antes, semanas antes da febre e antes do desengano do médico – é leucemia – e nessa vez a filha dissera: “Que linda é a boneca!” E a mãe da filha sorria, naquele sorriso ligeiro de quem espera o resmungo dele de sempre – Porcaria...bonecas... em breve, estás uma Senhora! As Senhoras não

pegam em bonecas!

Tinham continuado o caminho daquela vez. Mas agora ele parara. Entrou e negociou com o vendedor pagar a boneca a prestações, com o seu salário de guarda prisional. Talvez ajudasse na resistência da filha...

Pensava como a filha ficaria feliz, se ela poderia ser ainda algo feliz naquela condição amarela e acamada, rodeada pelas lágrimas beatas da mulher e das tias, rodeada pelo sol cortado da janela e pelo cheiro químico que ele jamais esqueceria. Pensava isso quando o Inspetor Moisés passou por ele e o chamou.

Filipe, venha comigo!

O Serôdio, colega no cárcere do Aljube, olhara-o e soletrara “Cinquen-ta-e-Cin-co” como quem aponta um par de sapatos para tirar da prateleira para o cavaleiro experimentar. O Serôdio ainda servira numa sapataria em Santarém mas um cunhado fizera-lhe a cabeça e empurrara-o para o inferno dos serviços prisionais.

Filipe só se lembrava dos olhos baços da filha e cada vez menos se lembrava que tivera uma filha quase-Senhora.

Vem com vontade, Filipe? Filipe, o olhar baço, mirara o Inspetor Moisés. Filipe sabia que, com vontade ou sem ela, na hora de arrebentar um gajo não vale a pena perguntar aos dedos, aos braços ou até aos ouvidos se têm ou não vontade. Faz-se como se fode – porque assim tem de ser.

Arco-íris.

Para ele, era mais um para coser. Só mais um para coser. Traziam-nos assim, massas de carne abertas, ensanguentadas, desmaiadas, desfeitas em urina, sangue e fezes. Ainda assim, respiravam, viviam, pela expectativa de duas ou três palavras, de uma caneta mal assegurada

naqueles tendões de dedos quebrados. Ele cosia-os, mandava-os de volta, muitas vezes para meras horas passadas, declararem o óbito das massas informes.

Nalgumas vezes, pensava que poderia apressar o processo. Dar-lhes mais uns mililitros da outra seringa do que daquela. Daquela outra que os punha a dormir para sempre. Fizera-o vezes sem conta, primeiro, em Angola, aos pais dos mais ricos que sabiam dos seus químicos capazes. Depois, na metrópole, encontravam-no almas vazadas de sofrimento, em noites mal dormidas, tocavam desesperados na campainha, o prédio todo acordava, e havia sussurros silenciosos, com dinheiro à mistura nos bolsos dos aventais das empregadas, nas malas de couro empurradas pelo corredor, nos punhos fechados de quem não conseguia aturar mais o que via.

Depois, ele lá ia, naquele espírito de missão com que, há muitos anos, em Angola, vendo a agonia do irmão, injetara uma dose a mais do que a devida. Sabia o que fazia a dose a mais. Já antes o havia testado com os cães lazarentos que comiam no quintal. Soube o que fez a dose a mais quando o estertor do irmão terminou, num silêncio longo que se prolongava sempre, em todas as noites, desde então.

Agora, diante do Cinquenta-e-Cinco, cosendo-lhe a pálpebra, o sobrolho, escutando-lhe o gemido de quem regressa do desmaio, lembrava-se de tudo isso. Um dia, seria mesmo Enfermeiro. Agora, recebia como castigo o título quando lhe diziam: “Enfermeiro Artur, é para coser e não para desmanchar.” O Cinquenta-e-Cinco abriu os olhos. Artur sentiu-lhe a raiva. A começar contra ele, naquela função de assistente prisional, responsável por prolongar a dor de homens abertos, desfeitos em massas ensanguentadas. Artur sorriu e sentenciou: “Mereces que te cosa.”

Azul.

De onde lhe vinha aquela força, nem ele sabia! Desde pequeno, criado pelo avô em Foz Coa, nunca ficava satisfeito com as respostas curtas, desatentas, desinteressadas dos outros. Perguntava e voltava a perguntar, numa fome sem limite, surpreendendo a professora, o padre, os velhos no café, o avô a toda a hora que olhava o azul do céu. O mundo revelava-se sempre maior do que as respostas curtas dos outros.

Quando a resposta curta foi a mais curta de todas, abalou da aldeia. Enterrou o avô e foi para Coimbra. De Coimbra, para Lisboa. De Lisboa, para o Aljube. Pelo meio, estudou, pertenceu a redações, encontrou outros com perguntas tão grandes como as dele. Tão insatisfeitos como ele. Insatisfeitos com respostas curtas, desatentas, de quem não queria acordar o mundo no seu sono bestial de hibernação.

Mas eles não! Ninguém desaparece porque sim. Desaparece porque era incómodo. Porque fazia demasiado barulho. Porque despertava o mundo do seu sono de hibernação. E sempre ele a perguntar, sempre a esbarrar nas respostas curtas, desatentas e desinteressadas. Riu como se cuspsse pela quinquagésima vez a trigésima golfada de sangue. “Ris, filho da puta?” perguntou-lhe Moisés. E logo Filipe a enchê-lo de tareia outra vez e mais uma vez, com pressa de ir para casa para entregar a boneca à filha desatenta, desinteressada. Quis balbuciar com os lábios azuis e abriu os olhos deixando antever o péssimo trabalho do Enfermeiro Artur.

Moisés, no lampejo de esperança com que abria os olhos de menino surrado depois de pressentir que ninguém o socava mais, perguntou: “E então, somos amigos?”

E ele, o Cinquenta-e-Cinco, virando-se para o Filipe, perguntou por sua vez.

“Alguma vez deixámos de o ser?”

2.º lugar

Ana Isabel Fonseca

A PALETA DA LIBERDADE

O sol escaldante de Lisboa lançava longas sombras pelas ruas estreitas de Alfama. Pedro caminhava apressadamente. A mochila pesada batia-lhe contra as costas enquanto acelerava o passo e tentava passar despercebido entre os transeuntes. O calor abrasador parecia intensificar a tensão que pairava no ar. A ditadura do Estado Novo mantinha todos em silêncio há anos e os olhos atentos do regime pareciam estar em toda parte.

Pedro, um jovem pintor de vinte e cinco anos, sentia o peso das restrições em cada pincelada reprimida. Por ironia do destino, nascera e fora criado numa família de tradição conservadora, com uma lealdade cega ao regime. O pai, um oficial de alta patente, acreditava firmemente na ordem imposta pelo governo e exigia que Pedro seguisse o mesmo caminho. Porém, ele não conseguia ignorar a chama da liberdade que ardia intensamente dentro de si.

Assim, encontrava refúgio no seu pequeno ateliê, escondido nos becos de Alfama, onde as paredes, telas e paletas eram a sua única testemunha. Lá, as cores ganhavam vida de uma forma que Pedro não podia revelar ao mundo exterior. Cada pincelada era uma rebelião silenciosa contra a opressão que o sufocava, consumindo e deteriorando aos poucos não apenas a sua arte, mas também a sua alma.

Ao virar a esquina, Pedro avistou o pequeno café onde Cristina certamente já o esperava. Era uma jovem ativista de olhos brilhantes e sorriso enigmático, cuja paixão pela liberdade o inspirava de forma avassaladora. Estudante de História, estava profundamente envolvida no movimento estudantil clandestino. Para Pedro, Cristina era a

representação humana da cor vermelha da resistência – uma faísca que, para ele, iluminava a escuridão da ditadura.

Empurrou a porta do café, envolvendo-se numa mistura de aromas de café fresco e pão recém-assado. O lugar estava cheio de murmúrios discretos, conversas sussurradas sobre liberdade e justiça. Encontrou Cristina a um canto, rodeada por alguns amigos, todos com o mesmo brilho de determinação no olhar.

— Trouxe uma coisa para vos mostrar — anunciou.

Retirou da sua mochila uma pequena tela coberta por um pano. Ao puxá-lo, revelou a sua mais recente e vibrante pintura: uma figura encarnada com pinceladas em várias cores, onde cada uma simbolizava um aspeto da liberdade. Vermelho, azul, verde, amarelo – todas se fundiam numa dança harmoniosa de resistência e esperança.

Os olhos de Cristina arregalaram-se.

— É magnífico, Pedro! Mas sabes o risco que estás a correr?

— Sei, mas não posso continuar a esconder-me. A liberdade tem muitas cores e chegou a hora de mostrá-las.

Enquanto as várias conversas e burburinhos abafados ressoavam no pequeno café, Pedro sentiu uma onda de determinação percorrer-lhe o corpo. Sabia que a caminhada seria perigosa, mas também necessária: a liberdade, com todas as suas cores e matizes, era um ideal pelo qual valia a pena lutar, mesmo nas sombras de uma longa e cruel ditadura.

No dia seguinte, ao acordar, Pedro encontrou um bilhete na mesa da cozinha. Estava assinado pelo pai, que o informava sobre um jantar com oficiais do governo que a mãe tinha organizado para aquela noite.

“A tua presença é obrigatória”, estava escrito na última linha, com a caligrafia rígida e disciplinada que Pedro conhecia tão bem. A tradição da família continuava a pesar-lhe sobre os ombros, prendendo-o e restringindo-o com a força de uma corrente invisível. Apresentar-se no jantar significaria para Pedro mais do que uma mera refeição em família; seria uma aceitação tácita das regras que o mantinham aprisionado.

Ao longo do dia, a mãe, sempre com um sorriso sereno e resignado, foi-lhe recordando da importância de manter as aparências.

— Temos de nos adaptar aos tempos, Pedro. Vivemos tempos de mudança e de prosperidade, o governo finalmente tem mão no país — dizia, evitando os olhos dele.

Pedro, contudo, era incapaz de continuar a fingir. Era impossível ignorar o chamamento da sua arte, que clamava por liberdade e justiça, com as cores da sua paleta a vibrar numa exigência muda de libertação das amarras da censura. De súbito, vieram-lhe à memória as palavras de Cristina na noite anterior: *“A verdadeira liberdade começa quando decidimos não aceitar mais as correntes que nos dão.”*

Enquanto o sol se punha, tingindo o céu de laranja e vermelho, Pedro tomou a sua decisão: não iria ao jantar. Não iria continuar a compactuar passivamente com algo que contrariava todos os seus princípios. Em vez disso, passaria a noite no ateliê, dando vida às cores que representavam a sua eterna e feroz busca por liberdade. Trabalhou freneticamente, movido por uma força invisível que lhe comandava os movimentos. A cada pincelada, sentia-se como se quebrasse uma corrente invisível.

A noite caiu e ainda assim Pedro continuou a pintar, perdido num mundo de cores e significados, declarando independência com traços e círculos, numa recusa colorida perante o conformismo que outrora o dominara. Estava consciente de que a sua ausência no jantar não estaria isenta de consequências, mas não podia continuar a trair a sua verdadeira essência.

Os primeiros raios de sol penetravam timidamente na pequena janela quando, por fim, Pedro pousou o pincel. A tela estava completa. Olhou para a sua obra, simultaneamente exausto e satisfeito. Estava no início de um caminho que sabia ser longo; todavia, pela primeira vez, sentia-se verdadeiramente livre. A liberdade, com todas as suas cores, gradações e tonalidades, era a realidade que ele estava decidido a

construir – um quadro de cada vez, uma paleta de esperança no meio das trevas da opressão.

Regressou a casa com o quadro debaixo do braço, caminhando depressa por atalhos onde não seria visto. Ao entrar em casa, trancou-se de imediato no quarto. Contudo, segundos depois, ouviu batidas fortes na porta.

O pai, furioso, entrou de rompante, com os olhos num reflexo de desaprovação e ira.

— Onde estiveste ontem à noite? — rugiu. A sua voz estava carregada de autoridade.

Pedro encontrou coragem para erguer os olhos e encará-lo, tentando manter um tom firme.

— Estive a pintar a liberdade — apontou para a tela que pousara no chão. — Não posso continuar a viver sob estas correntes. A minha arte é a minha voz e ela precisa de ser ouvida.

O pai de Pedro olhou para a pintura, estreitando os olhos ao ver a explosão de cores.

— Isto é insensato, Pedro. Estás a pôr-nos a todos em perigo.

Pedro respirou fundo, sentindo a tensão entre o seu desejo de liberdade e o dever para com a família.

— A verdadeira insensatez é viver sem liberdade, pai. Não posso ignorar isso.

— Esta tua arte... é uma provocação. Não só contra o regime, mas contra tudo que construímos. — O rosto do seu pai endureceu ainda mais. As linhas misturadas de preocupação e ira tornaram-se mais profundas.

Pedro olhou novamente para a tela recém-acabada. A paleta vibrante de cores refletia a sua longa e árdua luta interior, que se tornava naquele momento visível para o mundo fora de si. As pinceladas do quadro e as suas múltiplas cores eram, para Pedro, uma faceta da sua resistência: o vermelho pela coragem e pelo sangue derramado na

luta; azul pela esperança que persistia, mesmo nos dias mais sombrios; verde por um desejo de renascimento, para si e para o país; amarelo pela felicidade e luz que a liberdade traria consigo. O confronto entre pai e filho parecia encapsular a própria luta de toda a nação. Pedro sabia que não poderia recuar.

— Pai, a sua lealdade é respeitável, mas está baseada no medo. Eu não posso viver com medo. Preciso de expressar o que sinto, o que vejo! A arte é a minha arma e a liberdade é a minha causa.

O pai pareceu vacilar por momentos. Os olhos endurecidos mostraram uma fissura, uma compreensão relutante.

— E o que pensas que acontecerá contigo, meu filho? Achas que te deixarão fazer isto sem consequências?

Pedro ergueu o queixo, resoluto.

— Sei que haverá consequências. Mas viver sem tentar é aceitar a escravidão. Prefiro arriscar tudo pela liberdade.

Dias depois, a exposição clandestina das pinturas de Pedro foi organizada com a ajuda de Cristina e dos outros amigos. Foi um pequeno, mas poderoso evento. As obras foram exibidas numa antiga fábrica abandonada, um local simbólico do passado opressor e das esperanças futuras que todos traziam acesas no coração. Pedro olhou para a tela central da exposição, a figura envolta numa miscelânea de cores, e sentiu uma onda de emoção. Cada pessoa presente representava uma chama de resistência, um desejo ardente por mudança.

A notícia da exposição rapidamente chegou aos ouvidos do regime. Logo na manhã seguinte, enquanto o sol nascia alaranjado sobre uma Lisboa adormecida, Pedro foi preso. As autoridades, silenciosas e implacáveis, apareceram de madrugada. Enquanto era levado, olhou para o horizonte: as cores da aurora misturavam-se num espetáculo extraordinário, tão belo e divino que lhe deu esperança. No coração, sentia que a sua arte tinha plantado sementes. A liberdade que ele

pintava não poderia ser facilmente apagada.

Meses depois, ainda na prisão, Pedro recebeu uma carta de Cristina através de um agente infiltrado da resistência. As suas pinturas continuavam a inspirar outros e a chama da liberdade mantinha-se mais viva do que nunca. Pedro sorriu, sentindo-se em paz: a sua luta não fora em vão. No fim, para ele e para todos os que lutavam nas sombras, a liberdade representava muito mais do que a ausência de correntes físicas. Era a capacidade de pensar, criar e viver sem medo. Para Pedro, seria uma jornada contínua, uma luta constante, mas repleta de significados profundos. E, mesmo preso, sentia-se livre, porque a sua arte continuava a falar por si, a tocar corações e a inspirar almas.

Sentado na sua cela, iluminado pelos últimos raios de sol do dia que entravam pelas grades da janela, Pedro escreveu a Cristina:

“A liberdade tem muitas cores e formas e vale a pena lutar por ela, independentemente das circunstâncias. A coragem de uma só pessoa pode acender a chama da liberdade em muitos, e essa chama é capaz de iluminar até mesmo os tempos mais sombrios.

Cada vida é uma paleta de possibilidades, e é na luta pela liberdade que encontramos as cores mais vibrantes da nossa existência.”

3.º lugar

Joana Melo Rocha

(RE)ENCONTROS

Tive de conter todo o espanto dentro da boca quando o vi.

Passados tantos anos, continuava com os mesmos olhos cinzentos por detrás dos óculos engarrafados, o mesmo cabelo arrepiado, a barriga continuava a apresentar-se primeiro que o resto do corpo, mas tinha agora uma pequena corcunda que o fragilizava.

Aquela fria noite de inverno estava novamente à minha frente.

Trazia comigo a chuva que pingava do cabelo. A roupa molhada colava-se ao corpo e os sapatos desenhavam pegadas. As luzes brancas feriam os olhos, uma multidão que se aquecia dentro de um quadrado, a tosse, os espirros, as caras tristes, os gemidos que ecoavam nos meus ouvidos. O altifalante que me arrepiava a pele sempre que alguém tinha a sorte de ser chamado. Até que chegou a minha vez.

Quatro horas depois, quatro minutos bastaram para entrar e sair do consultório abarracado da urgência.

— Está ótima, deixe-se de lamechices e volte para casa.

— Mas doutor não consigo andar.

— Menina, já sabemos que consegue. Veio cá três vezes, os meus colegas já a observaram e referiam que isso é da sua cabeça. Por esse motivo, não a vou ver.

Com isto, fechou a porta onde por pouco não entalara o meu vestido. Imobilizada pelas dores, encostei as costas à parede do corredor que cheirava a álcool. Senti-as deslizar devagarinho até ao chão e agarrada à barriga, fiquei sentada a observar os médicos, enfermeiros

e doentes que cirandavam como cegos às apalpadelas procurando ver o seu destino.

Observei as minhas mãos cinzentas, outrora castanhas e uma lágrima escorreu sem esforço pela minha pele.

O médico saiu novamente e ao ver-me ali foi o suficiente para levar as mãos à cabeça, subir-lhe o sangue à cara, como se tivesse trincado uma malagueta, e ficar com os parcos cabelos espetados com irritação.

— Já lhe disse que tem de sair do hospital, já lhe dei alta! Não ouve bem? Está a gozar comigo?

Alienada ainda estava a processar aquelas palavras que saltitavam na minha mente. Começava a sentir a culpa vergar-me o pescoço, quando o ouvi chamar a enfermeira.

— Dr. Manuel, chamou? — perguntou uma mulher alta muito magra.

— Enfermeira esta senhora não quer ir embora e já lhe dei alta. Leve-a por favor!

— Mas o que tem ela?

— Nada!

— Nada? Mas está com má cara e ali caída no chão.

Ele revirou os olhos e respondeu:

— Meteu na cabeça que tem dores, mas é psicológico. Ela precisa é de ir ao psiquiatra.

— Ela fala português?

— Diz que sim, mas não deve perceber.

— De onde é? — perguntou olhando-me.

— Então não vê senhora enfermeira, de África, de onde mais havia de ser.

— Mas doutor...

— Quero-a daqui para fora imediatamente!

Foi nessa altura que comecei a questionar se as dores seriam para todas as pessoas ou se seriam apenas para aquelas a quem lhes era permitido sentir. Estaria a delirar, como dizia o médico?

Mas, sentia-as, como facas espetadas em todo o ventre. Seria imaginação?

A enfermeira que cheirava a bolo de canela com café, aproximou-se. Pegou no meu pulso, observou-me e com preocupação perguntou:

— Como se sente?

Não consegui responder.

— Fique aqui que vou arranjar uma maca e algum médico que a veja.

As lágrimas escorreram sem pedir licença com aquele gesto. Talvez não estivesse doida e as dores me pertencessem realmente. Eram minhas. Tinha direito a elas?

Pouco tempo depois o Dr. Manuel voltou. Olhou-me por detrás dos óculos e, exasperado, suspirou num silêncio podre. Por fim, a sua bata branca desapareceu no corredor cinzento.

Voltou pouco tempo depois com dois agentes.

— É esta! — afirmou apontando-me o dedo. — Quer festa ou sítio para dormir, mas não somos um centro de acolhimento. Tirem-na daqui agora, que já não aguento esta insolência.

Abrindo caminho com a sua pança, voltou a desaparecer. Os homens vestidos de azul olhar-me e abanaram a cabeça em desaprovação. O mais velho, careca, coçou o bigode grisalho e disse ao outro:

— Temos de a tirar daqui, vai lá tu.

— Levante-se lá senhora, vamos embora que este não é o hospital dos malucos, saia lá do chão que está a incomodar as pessoas.

O mais velho continuou:

— Pensa que isto aqui é como na sua terra em que ficam todos a amontoar-se no chão do hospital? Toca mas é a desandar daqui.

As palavras ficaram todas arrumadas em algum canto encolhido da minha boca. Os homens olhavam-me como se o meu silêncio fosse uma provocação. Não queriam saber que as dores que sentia impediam-me de levantar e que as suas palavras faziam-me perder as margens. Num acesso de raiva o polícia careca pontapeou-me os pés,

depois agarraram-me ambos pelos braços e arrastaram-me pelo longo corredor até à rua.

Deixaram-me ali à chuva e foram embora, satisfeitos com a proeza de atirar um ser humano para uma poça.

Naquela noite descobri que, para além das dores físicas, ainda havia espaço para outro tipo de dor. Por mais que a água escorresse desenhando as minhas formas, nunca conseguiria lavar a sujidade que se me entranhara na pele.

Era a terceira vez, em oito meses, que ia ao Hospital, e as dores que os médicos afirmavam que não sentia, dilaceravam algo dentro de mim. De tanto tentar não sentir, a minha pele castanha tornou-se cinzenta e assim fiquei, entre a cama e o sofá, durante longos meses. Daquela última vez, voltei, obrigada pelo meu colega de apartamento quando me encontrou desmaiada na sala.

Queria desaparecer daquela poça e evitar os olhares de pena ou desaprovação de quem por ali passava. Não sabiam que nascera em Portugal, que a minha língua materna era o português, que era estudante universitária e que não pretendia fazer da porta do hospital uma barraca.

Quando amanheceu, vi uma cara conhecida que me observava, era a mulher alta, a enfermeira. Pegou-me ao colo e levou-me até uma maca. Acordei e estava numa cama. A enfermeira e o meu amigo ao meu lado. Os seus olhares impávidos e preocupados. Não percebia porque estavam os dois ali ao pé de mim. Teria morrido? Estaria a ter alucinações? Seria louca de verdade?

Mas depressa me informaram que tinha sido operada de urgência a um quisto no ovário que quase me matou.

Agora ele estava à minha frente, encolhido como um caracol, apoiado numa bengala e com a pele carcomida.

Devia ser o filho que o trazia pois eram parecidos. Falou comigo e com a minha colega antes de sair. Estava preocupado com o pai, já não podia viver sozinho agora que a mulher partira, pois embora lúcido não sabia governar-se. Tranquilizámos o filho, como sempre fazemos, percebendo a dificuldade que é deixar um ente querido num lar.

Soube em seguida que além de ser um médico reformado, o que eu já sabia, tinha servido num alto cargo, na guerra colonial.

As imagens das histórias terríveis, que os meus pais contavam desse tempo em Angola, invadiram-me o cérebro. Simultaneamente, não parava de pensar que aquele homem me levara até ali. Por tudo o que acontecera naquela noite mudei de licenciatura, o que me libertou para me tornar em alguém que, sem saber, queria ser.

A minha colega preparou o quarto. Quando saiu, entrei para lhe medir a tensão, a pulsação e o restante checkup.

— Olá senhor Manuel, venho ver como está.

O homem viu-me pela primeira vez. Franziu a testa e perguntou.

— Eu conheço-a?

— Não, mas já nos cruzamos há alguns anos.

Certamente não devia conhecer, muito menos privar, com pessoas com a minha cor. Provavelmente teria conhecido em outros tempos, em outro país, antes da liberdade.

— A sua cara não me é estranha.

Mantive-me em silêncio, expectante.

Nisto, a sua face espantada avermelhou-se e a perna começou a tremer abanando a cadeira onde estava sentado.

— Você! Trabalha aqui?

Observei-o do alto da minha cor castanha, essa que agora lhe ia tocar. Ele, agitado na cadeira.

Eu sorrindo e com os olhos colados aos dele.

Na minha mente uma questão pairava e não queria assentar: O que sentiria ele?



